

EDITORIAL

Ao apresentar este dossiê é de fundamental importância salientar que não é possível conceber as pesquisas sobre a Antiguidade se não entendermos o seu caráter interdisciplinar. Esse caráter é assim definido pois as pesquisas abrangem áreas afins que, necessariamente, devem se complementar para a sua análise. Desde o século XV, com o Renascimento, os Estudos Clássicos, ou mesmo os estudos sobre a Antiguidade, assumem uma identidade comum para as sociedades ocidentais mesmo incluindo nesse objeto o Oriente Próximo e norte da África. Não faremos aqui uma digressão sobre como foram se constituindo como um campo delimitado do conhecimento humano. No entanto, é importante ressaltar que esse campo de estudos congrega algumas áreas de conhecimento como a história, a literatura, a arte e a arquitetura, a arqueologia, o teatro, a filosofia e as línguas vernáculas, como o Latim e o Grego Antigo quando se fala em Antiguidade Clássica, definida pelo estudo do mundo greco-romano. Se ampliarmos para o oriente mediterrâneo, esses conhecimentos abrangem também as línguas vernáculas orientais como o aramaico, a escrita cuneiforme e os hieróglifos egípcios, para ser apenas exemplar. Não se pode fazer pesquisa nesse campo sem o mínimo de conhecimento sobre essas áreas delimitadas à espacialidade e à temporalidade que especificam esse objeto de estudo que tem o Mediterrâneo como núcleo difusor e abrange desde o III milênio a.C até o século V d. C.

A produção historiográfica sobre a Antiguidade no Brasil tem se destacado e aumentado consideravelmente desde a década de 70 do século passado. Esse grande aumento da produção sobre a área em questão se deve não apenas por mudanças nos rumos historiográficos assim como aos avanços tecnológicos e a internacionalização promovida pelos intercâmbios acadêmicos com universidades estrangeiras. Esses primeiros passos foram iniciados principalmente por pesquisadores vinculados à Universidade de São Paulo e à Universidade Federal Fluminense que foram os principais disseminadores desses estudos.

Para entender a identidade dos estudos sobre a Antiguidade no Brasil é necessário evocar o nome do Prof. Eurípedes Simões de Paula, primeiro professor da disciplina na Universidade de São Paulo. O Professor Eurípedes foi o primeiro grande incentivador das pesquisas nessa área, o que acabou gerando frutos, principalmente, a partir da década de 50. É fundamental entender que esses

pesquisadores se caracterizam pela sua natureza interdisciplinar já que transitam desde os estudos linguísticos, passando pelos estudos antropológicos e arqueológicos, até chegar aos estudos históricos. Não há como ser um pesquisador da Antiguidade sem estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento como já foi salientado. É justamente por isso que as mudanças historiográficas decorrentes da História Nova propiciam um crescimento de pesquisas nessa área no Brasil. Outro fator propagador está nas mudanças decorrentes dos processos de abertura política e democrática na década de 80 que fazem com que a concepção de História, principalmente sobre a Antiguidade, mudem os caminhos das pesquisas desenvolvidas até então.

É nesse panorama que podemos identificar a formação de grandes referências como pesquisadores da Antiguidade como Haiganush Sarian, Pedro Paulo Abreu Funari, Norberto Luís Guarinello, Maria Beatriz Borba Florenzano e muitos outros que alicerçaram a pesquisa sobre o mundo antigo no Brasil na Universidade de São Paulo. Não se pode deixar de citar também o Professor Ciro Flamarion Cardoso, da Universidade Federal Fluminense, que é uma grande referência para os estudos da sociedade egípcia no Brasil. Nesse volume, podemos identificar alguns autores que direta ou indiretamente são derivados desse núcleo formador.

Essas influências podem ser vistas nos artigos aqui apresentados como é o caso de Ana Teresa Marques Gonçalves, Dominique de Souza e Semírames Corsi Silva, Diego Avelino de Moraes Carvalho, Dominique Vieira Coelho dos Santos, Nicodemo Valim de Sena que derivam do núcleo formador inicial uspiano mas ramificado e consolidado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Universidade Federal de Goiás e na Universidade Federal do Espírito Santo. Gabriel Lohner Gróf apresenta essa vinculação direta com a formação derivada da Universidade de São Paulo. Já os outros autores apresentam pesquisas desenvolvidas a partir do núcleo formador da Universidade Federal Fluminense, como Renata Cardoso de Souza, e da Universidade Federal do Sergipe, como Márcia Jamille Nascimento Costa.

Elaborar um dossiê sobre a Antiguidade em um periódico deve ser considerado um ato significativo e de suma relevância diante do panorama delineado. As pesquisas que resultaram a composição do presente dossiê apresentam o caráter histórico-interdisciplinar que é inerente à área. Os nove artigos

que estão aqui contidos abordam a temática, assim como uma tradução, que foram gentilmente analisados pela comissão de pareceristas, conforme sua relevância historiográfica e sua pertinência acadêmica. Por isso, agradecemos aos professores que se dispuseram a empreender tal tarefa, contribuindo, igualmente, para a realização desta edição. Na seção de artigos livres, contamos com doze artigos de temas diversos, mas relevantes para as pesquisas acadêmicas, já que buscamos diálogos com uma rede de pesquisadores engajados com a produção historiográfica elaborada no Brasil e no exterior.

Desta forma, os trabalhos compreendidos no presente número foram elaborados por professores doutores de diferentes instituições públicas e privadas brasileiras, doutorandos, mestrandos e graduandos vinculados a instituições nacionais. Além disso, cabe destacarmos que recebemos contribuições de pesquisadores vinculados às seguintes instituições públicas e privadas brasileiras, a saber: FATEC-Ipiranga, Faculdade Metropolitana de Rondônia (FAMETRO), Instituto Federal de Goiás (IFG), Universidade de Blumenau (FURB), Universidade de Pernambuco (UPE), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Estadual de Roraima (UERR), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Acre (UFAC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

Agradecemos em nome de todos os membros do Conselho Editorial¹ o constante apoio do Conselho do Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia no qual está locada a *Labirinto*.

Profa. Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi (UNESP)²

¹ Corpo editorial responsável pela edição: professor Doutor Alexandre Pacheco, professora Doutora Arneide Bandeira Cemin, professora Doutoranda Daiani Ludmila Barth, professor Doutor Edinaldo Bezerra de Freitas, professor Mestre Mauro Henrique Miranda de Alcântara, professor Doutor Valdir Aparecido de Souza e professora Doutoranda Veronica Aparecida Silveira Aguiar.

² Docente de História Antiga do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, campus da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" e do Programa de Pós-Graduação em História. É membro do Núcleo de Estudos Antigos e Medievais (NEAM) da UNESP. E-mail: adrossi@assis.unesp.br

Profa. Doutoranda Veronica Aparecida Silveira Aguiar (UNIR)³
Organizadoras do Dossiê

³ Docente de História Antiga e Medieval do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: veronicaaguiar2501@gmail.com